

Nas escolas, nas ruas, campos, construções: quadros, imagens e o protesto de rua em Imperatriz-MA

Jesus Marmanillo Pereira¹

Resumo

O texto traz um diálogo entre o viés dos quadros (Frames) e a pesquisa imagética, para pensar a inserção da imagem nas análises sobre movimentos sociais. Para tanto se analisou o protesto 15M, de defesa da educação pública, ocorrido na cidade de Imperatriz-MA. Teoricamente, se fez um estudo da linhagem dos estudos de quadro, relacionando-os com os estudos visuais, mobilizando autores como Goffman (2013), Snow e Benford (2000), Collier (1973), Samain (2012), Rocha e Eckert (2013) entre outros. Problematizou-se a imagem como informação fundamental nos interações e alinhamentos construídos nos trabalhos de campo, na observação fenômenos sociais e nos processos de mobilização social. Verificou-se a imagem estava nos processos de ideação operacionalizados na construção de quadros e contra-quadros materializados nos protestos de rua.

Palavras-chave: *quadros; imagens; movimentos sociais.*

In schools, in the streets, fields, buildings: pictures, images and the street protest in Imperatriz-MA

Abstract

The text brings a dialogue between the bias of the frames (Frames) and the imagery research, to think about the insertion of the image in the analysis of social movements. For this purpose, the 15M protest, in defense of public education, which took place in the city of Imperatriz-MA, was analyzed. Theoretically, a study of the lineage of board studies was made, relating them to visual studies, mobilizing authors such as Goffman (2013), Snow and Benford (2000), Collier (1973), Samain (2012), Rocha and Eckert (2013) among others. The image was problematized as fundamental information in the interactions and alignments built in the field work, in the observation of social phenomena and in the processes of social mobilization. The image was found to be in the ideation processes operationalized in the construction of paintings and counter-paintings materialized in street protests.

Keywords: *frames; images; social movements.*

Introdução

Este artigo visa refletir sobre os processos organizativos e identitários que estruturaram ações de protesto ocorridas em 2019, na cidade de Imperatriz-MA. Assim para responder a questão clássica

¹ Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, UFMA.

² Trata-se de um protesto estudantil ocorrido, nacionalmente, em 15 de março de 2019 frente ao corte de 30% do orçamento das universidades e institutos federais, e as declarações depreciativas, feitas pelo ministro da educação Abraham Weintraub contra estas instituições.

“Por que as pessoas se juntam em torno de uma causa?”, Fez-se um exercício empírico e reflexivo, enfatizando a imagem enquanto método, enquanto quadro e possibilidade de diálogo com a teoria sociológica. Na relação entre teoria sociológica e fotografia, percebe-se um *modus operandis* específico da área, pois ao fazer um breve levantamento dessa relação Pereira (2016) destaca nessa relação, os sociólogos possuem uma tendência de partir dos aspectos mais abstratos até chegar aos indicadores empíricos dos conceitos. Processo similar ocorre na etnografia, pois como explicam Rocha e Eckert (2013) dentre os processos preparatórios para a entrada em campo, a adoção de um recorte teórico- conceitual é fundamental para se pensar a relação teoria-empíria.

Análise de quadros, ou *Frame Analysis*, foi desenvolvida por Goffman (2012)³ e adaptada em trabalhos como os de Berreman (1975), de Snow e Benford (2000) e Snow, Rochford, Worden e Benford (1986), entre outros, que demonstram que esse aporte teórico pode ser pensado em várias situações, inclusive nos estudos sobre micromobilizações⁴. O conceito de quadro - traduzido como: *frame*, moldura e marco interpretativo – possui um aspecto visual forte, pois faz menção ao campo cinematográfico, referindo-se a um tipo de imagem individual (fotografia) de um filme, e é visualizado em imagens mentais, já que as descrições etnográficas de situações de interação costumam ser completamente visuais, necessitando de detalhes para explicar as situações de interação.

Para pensar essas dimensões imagéticas, realizou-se uma pesquisa imersiva, no mês de maio de 2019, que possibilitou coletar dados de reuniões de organização, protestos de rua, pesquisa documental e de registros fotográficos produzidos durante o campo. As imagens possibilitam visualizar palavras de

ordem, símbolos e narrativas fundamentais para a compreensão dos alinhamentos e *micromobilizações* que resultaram no protesto de rua. O texto foi sistematizado em tópicos que demonstram: 1) a perspectiva dos quadros e os protestos ocorridos na I) Praça de Fátima, e na II) Praça Brasil.

Quadros e modos de observação do social

Se há algo comum entre as ações dos movimentos sociais, as relações estabelecidas no campo de pesquisa e o ato fotográfico; pode-se dizer que é a ação de selecionar, excluir e incluir informações durante os processos de interação, seja com o estado e com outras organizações, seja com os nativos e/ou em relação às teorias que orientam condutas e olhares do pesquisador. Quando se fala da ação de selecionar - incluindo e excluindo informações dentro de uma moldura - significa a própria idéia de enquadrar e transmitir ao observador uma orientação para o que deve ser observado. É também ocultar, nos bastidores, o que deve permanecer e inexistente para os olhares.

Sobre a relação entre o “olhar” a “fotografia” e os enquadramentos, Achutti (2004) é um dos autores que valoriza a combinação entre o olhar treinado do antropólogo e a linguagem fotográfica. Segundo ele:

Sendo a fotografia sempre é um ato voluntário que consiste em recortar e enquadrar elementos da realidade sobre uma superfície plana- em suas dimensões- a fim de tornar claros os enquadramentos, se faz necessário dominar algumas técnicas. Esse domínio da técnica, colocado a serviço do olhar do antropólogo, é a condição primordial para a realização de trabalhos fotoetnográficos. Trabalhos que se mostram de extrema importância, não apenas como ferramenta

3 Influenciado por Gregory Bateson, o autor entende quadro como uma espécie de esquema capaz de organizar a experiência, permitindo aos indivíduos se localizar, perceber identificar e classificar e atribuir significados as situações.

4 Por micromobilização, Snow, Rochford, Worden e Benford (1986) compreendem a vários processos interativos e comunicativos que afetam o alinhamento do quadro. Segundo eles, o termo era usado para se referir a processos relevantes aos movimentos sociais e analiticamente distinguíveis dos processos de macromobilização, como mudanças nas relações de poder e na estrutura de oportunidades.

de pesquisa de campo, mas também como forma de interpretação, uma narração visual que, justaposta aos textos escritos, permita aprofundar as pesquisas antropológicas e enriquecer sua difusão (2004, p. 93).

Para o autor a pesquisa fotoetnográfica busca alinhar teoria antropológica, técnica fotográfica e pesquisa de campo. Exige, portanto, a observação orientada para o objeto escolhido, sendo necessário ter um conhecimento técnico a respeito das lentes, aberturas, aproximações, distanciamentos e outros processos que exigem escolha. Assim explica que: “o pesquisador sempre deve saber encontrar seu lugar de acordo com a qualidade das relações que ele poderá estabelecer com as pessoas estudadas” (ACHUTTI, 2004, p. 96). Para o fotógrafo pesquisador o ato fotográfico será sempre um tipo de resultado das interações sociais estabelecidas no campo. É o lugar das interações entre o “eu” e o “outro” (PEREIRA, 2015a), onde ocorrem operações como: o controle da informação e identidade pessoal, ou seja, o ato de exibir ou ocultar determinadas características que podem representar símbolos que confirmam ou refutam as imagens construídas sobre os indivíduos (GOFFMAN, 1988).

O viés dramaturgicista aponta que as variáveis visuais são fundamentais nos processos de interação e etiquetagem, já que, “quando um indivíduo chega à presença de outros, estes geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem” (GOFFMAN, 2013, p. 13). Embora não tenha utilizado explicitamente o termo *interacionismo visual*, os momentos que precedem a comunicação oral são aqueles em que as informações visuais e a observação podem ser fortemente evidenciadas, pois “apesar de um indivíduo poder parar de falar, não pode parar de se comunicar através da linguagem do corpo” (GOFFMAN, 2013, p. 45).

Valorizando a importância dos “olhares” e das expressões corporais durante os processos de interação, Goffman (1988) explica que há uma simbologia do corpo que se comunica por meio de elementos como: tipo de roupa; postura; movimento e posição; volume de som; gestos

físicos, como acenar e saudar; e decorações faciais, entre outros. No âmbito da captura de imagens, Collier (1973) nota que a fotografia de ações sociais pode orientar o pesquisador para muitas possibilidades de pesquisa não verbal. Ela “permite a observação de comportamentos físicos, da postura das expressões faciais, dos gestos das mãos e dos braços” (COLLIER Jr. 1973, p. 56). Portanto, a simbologia visual é fundamental para o pesquisador organizar a experiência e identificar as situações de interação. Isso por que:

Para as pessoas presentes, muitas fontes de informações são acessíveis e há muitos portadores (ou veículos de indícios) disponíveis para transmitir a informação. Se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que é mais importante aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 2013, p. 13).

Vale salientar que as representações e esquemas de interpretação a respeito das situações também se manifestam por imagens mentais (pensamentos) que conduzem a experiência. Assim, quando se constroem estigmas e expectativas sobre bairros ou atores sociais com base na veiculação de ideias e narrativas, há uma grande tendência de ocorrer uma experiência orientada pela ideia e desejo de confirmação de determinadas expectativas. “Seja qual for o grau de organização, cada esquema primário permite a seu usuário localizar, perceber, identificar e etiquetar um número aparentemente infinito de ocorrências concretas, definidas em seus termos” (GOFFMAN, 2012, p. 45).

Por “esquema”, entende-se os termos quadro, moldura ou *frames*. Assim, os indivíduos se valem de todas as informações disponíveis para interpretar as situações de interação (construir o quadro), organizando as experiências e direcionando as ações: consideram as informações e buscam um contexto consensual

que sincronize os significados e entendimentos dos símbolos utilizados pelos atores sociais.

A noção de quadro (*frame*) possui uma analogia com o enquadramento fotográfico e significa, também, as unidades de filme que compõem a imagem em movimento (vídeografia). O estudo feito Yves Winkin (2004), possibilita compreender que essa terminologia se relaciona com a própria biografia de Erving Goffman que, em 1943, trabalhou na Nacional Film Board, empresa marcada pela presença de importantes documentaristas e comentadores de cinema.

“Goffman usa o termo quadro para se referir ao conjunto de regras que regem um determinado tipo de atividade” (Ganson, 1975, p.603). Ele compreende que, a organização da atividade não existe apenas no âmbito subjetivo, mas, também, são orientadas por regras as quais nos preparamos para descobrir. A interação seria o lócus onde o indivíduo, munido das regras, deve operar com os termos apropriados, para não cair em situações de embaraço. Ao discorrer sobre o estigma, Goffman (1988) discorre sobre situações em que ocorre a manipulação da informação que evidencia visualmente o estigma: “Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso para quem, como, quando e onde” (GOFFMAN, 1988, p. 51). Como exemplo, Goffman (2013) discorre que alguns atores sociais necessitam adaptar a própria representação⁵ as condições das informações sob as quais devem ser encenadas, citando o caso das prostitutas envelhecidas de Londres, do século XIX, pois elas restringiam seus locais de trabalho aos parques escuros como estratégia de ocultar as informações faciais.

Tal operacionalização das informações visuais é pensada tanto em nível das interações sob a perspectiva do indivíduo, quanto no viés das equipes. Se para um empresário ou para um padre é necessário esconder a idéia do lucro e valorizar outros aspectos padrões ideais do ofício,

como a vocação e racionalidade; no âmbito das equipes há uma verdadeira organização entre os atores sociais para manter determinadas fachadas. Em nível coletivo é importante “não trair os segredos do grupo”, “ter disciplinar e entender que todos os papéis são fundamentais para a representação”, “evitar laços de lealdade que permitam a plateia ter acesso ao interior dos bastidores” e desenvolver uma espécie de tato evite situações embaraçosas para os atores que representam (GOFFMAN, 2013). Portanto, ele distingue o “eu” extremamente humano, do “eu” social que navega entre as representações e fachadas já institucionalizadas.

Nesse Viés Berreman (1975) valoriza a problematização da relação entre pesquisador e nativo, no sentido de não se conformar apenas com a disposição antagônica entre o “eu” e o “outro”, mas compreender o próprio processo de interação social, denotando assim, a reflexão sobre a construção dos papéis e das representações nativas. Ele observa que:

O controle de impressões constitui um aspecto de qualquer interação social. Trata-se aparentemente, de uma condição necessária à continuidade da interação social. Para uma pesquisa etnográfica competente, é essencial compreender a natureza e os desempenhos resultantes. Devem ser empregados procedimentos metodológicos que revelem não só o desempenho montado para o observador, mas também a natureza dos esforços empregados na sua produção e a situação dos bastidores que oculta (1975, p. 174).

A citação sinaliza a existência de duas regiões: uma externa onde os atores revelam o que desejam para a platéia, e uma interior onde se localiza os bastidores onde a equipe constrói a representação. É importante considerar “a necessidade do etnógrafo não se deter em apenas as opiniões e comportamentos de um estrato, mas na relação entre os diversos estratos com

5 Pela leitura de Goffman (2013) compreendemos a representação como o exercício de desenvolver um papel social diante de uma platéia. Aproximando-se de uma vertente durkhemiana, ele observa que ela ressalta valores morais oficiais compartilhados pela sociedade.

seus respectivos comportamentos e informações” (PEREIRA, 2015b, p.229-230). Já Nunes (1993) explica que o sociólogo como observador e como participante - pode acionar vários quadros durante a pesquisa de campo, e ressalta: “No caso do Sociólogo, esse reenquadramento passa pela transformação da experiência do terreno e dos seus registros em conhecimento sociológico, comunicável e transmissível” (1993, p. 40).

Além de observar a análise de quadros nas situações de pesquisa de campo, no ato fotográfico e nas interações face a face, verificou-se que autores como Snow, Rochford, Worden e Benford (1986) também se detiveram sobre o uso desse aporte conceitual, buscando compreender os processos de alinhamento de quadros na produção de micromobilizações⁶. Para eles era fundamental compreender o significado que os aderentes possuíam, e como os quadros eram operacionalizados para recrutar mais militantes, como os quadros individuais se alinham com os quadros dos movimentos. Como as ações de protestos também produziam outros quadros. Em viés próximo, Johnston e Klandermans (1995) explicam que o conceito possibilita uma análise interessante sobre a relação entre sistemas culturais e aspectos performáticos presenciados nas ações coletivas, focando assim nos padrões culturais e nos seus usos em situação de mobilização existentes em organizações e instituições.

Snow e Benford (2000) percebem efeito similar sobre movimentos sociais já que possibilitam um conjunto de orientações e significados que legitimam as atividades e campanhas das organizações e movimentos sociais. O notam por meio de processos discursivos, relacionados à interação e comunicação entre os membros e alinhamento de significados para determinada causa coletiva. Nesse raciocínio, são nas dinâmicas comunicativas e de interação (interior e exterior) dos movimentos sociais, que as imagens fotográficas (ou gráficas) representam

um elemento fundamental para a compreensão dos *frames* de ação coletiva, isso pela capacidade de atribuir e reforçar os significados da ação no espaço público.

Os quadros de ação coletiva resultam de processos de enquadramentos produzidos pelos quais os movimentos sociais que constroem e atribuem significado as próprias práticas. São desenvolvidos por conta do trabalho social de indivíduos e organizações que dedicam tempo na construção e difusão de interpretações a respeito dos problemas e injustiças sociais. Outro ponto desse processo é que surgem, na maioria das vezes, com o objetivo de alterar determinadas situações e dinâmicas sociais (SNOW; BENFORD, 2000).

Os enquadramentos podem ser visualizados na interação entre os movimentos sociais e os opositores, e/ou com colaboradores. Eles cumprem o papel de atribuir significação as ações coletivas (protestos e outras mobilizações) e arregimentar simpatizantes da causa (alinhar). Grosso modo, desempenham as tarefas: diagnósticas (Identificação e atribuições do problema), prognósticas (articulação e proposição de soluções) e motivacional (que convoca as pessoas para as ruas). Tal como as primeiras definições de quadro, tal perspectiva nos movimentos, também ocorre por meio de processos discursivos e estratégicos, operacionaliza a exclusão, ocultamento, exibição e outras manipulações da informação.

Carregado de idéias, os quadros possuem ligação direta com a imagem que os movimentos sociais e indivíduos pretendem transmitir, de si, nos momentos de interação. Isso porque as imagens também podem se associar e produzir idéias (SAMAIN, 2012) e estão relacionadas com os processos das memórias, imaginação e imaginário (ROCHA; ECKERT, 2015). Vinculadas a um arsenal cultural e cognitivo, os processos de alinhamento resultantes dos enquadramentos podem ser pensados interpretativamente por imagens, cabendo ressaltar que:

6 Por micromobilização, Snow, Rochford, Worden e Benford (1986) compreendem a vários processos interativos e comunicativos que afetam o alinhamento do quadro. Segundo eles, o termo era usado para se referir a processos relevantes aos movimentos sociais e analiticamente distinguíveis dos processos de macromobilização, como mudanças nas relações de poder e na estrutura de oportunidades.

O interesse das ciências sociais contemporâneas pelo estudo da cultura e linguagem se devem a diversas influências, a evolução do estruturalismo francês, a crescente importância da semiótica, o desenvolvimento da hermenêutica e análise do discurso, o marxismo gramsciano, a teoria psicanalítica, as teorias feministas, o pós-modernismo, a análise literária, etc. Existem, no entanto, quatro correntes relacionadas entre si, que têm exercido uma influência direta sobre os estudos dos movimentos sociais, e sobre certos ensaios contidos neste volume: 1- Análise em profundidade da cultura e os símbolos que surgiram e se desenvolveram no âmbito da antropologia; 2- Análise dos quadros e papéis cuja origem tem sido buscada na revolução cognitiva em uma suposta psicologia social a partir da obra sociológica de Goffman; 3- O retorno para a análise do dramático e do retórico; e 4- a análise da cultura, considerando-a como um conjunto de repertórios para a ação e como uma ferramenta (ZALD, 1999, p. 373).

Seguindo essa tendência hermenêutica, semiótica da análise de quadros e da cultura como um conjunto de repertórios para a ação, considera-se importante elasticizar a própria compreensão que se tem por imagem, não deixando refém do racionalismo ilustrativo da ciência moderna, não restringindo a uma grafia da luz limitada em sua materialidade (ROCHA; ECKERT, 2015). Por esse diálogo franco entre teoria e imagem, se pensa a imagem em todos os processos da pesquisa, pois problematizá-la significa refletir sobre o próprio ato de “observar” - ação que representa o elo a teoria e as imagens. A seguir, tem-se um exercício de observação, orientados pelo viés dos quadros e suas aplicações, e também por todos os sentidos, memórias e capacidades criativas obtidas pelas imagens em suas diversas

formas (fotografia, abstração, idéia etc..).

Cenário I: Dos bastidores até a Praça de Fátima

No dia 30 de abril de 2019, o jornal Estado de São Paulo⁷ veiculou uma entrevista do ministro Abraham Weintraub na qual publicizou um corte orçamentário sobre as Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a justificativa de que tais instituições teriam um fraco rendimento acadêmico e eram promotoras de “*balbúrdia*”⁸. No mesmo dia, o ministro estendeu o corte para todas as Universidades e Institutos Federais do país⁹. Tal medida gerou uma onda de indignação tanto pelo corte dos repasses que já estavam em processo de diminuição desde 2014¹⁰, quanto pelo enquadramento focado na desqualificação das instituições federais de ensino. Tal situação pode ser imaginada por meio do seguinte trecho:

As ruas despertaram contra Jair Bolsonaro. Os cortes no Ministério da Educação somados à retórica belicosa do Governo contra as universidades, consideradas antros “esquerdistas”, levaram milhares de pessoas a marchar pelas capitais e médias cidades espalhadas por 26 Estados. Foi o primeiro protesto nacional contra o presidente de extrema direita que está há quatro meses e meio no poder. A jornada produziu, mesmo sem números consolidados de participação, imagens do descontentamento precoce com o Planalto num país que se acostumou desde 2013 a analisar manifestações como um termômetro político (El País¹¹).

Na cidade de Imperatriz-MA, que é um importante pólo universitário do sudoeste maranhense e segunda maior cidade do estado

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8OsalNjy4> Acesso em: 8 out. 2019.

8 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/> Acesso em: 15 nov. 2019.

9 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/mec-estende-corte-de-30-de-verbas-a-todas-universidades-federais.shtml> Acesso em: 1º dez. 2019.

10 Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/educacao/2018/raio-x-do-orcamento-das-universidades-federais/> Acesso em: 8 dez. 2019.

11 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557950158_551237.html Acesso em: 8 dez. 2019.

do Maranhão com 258.682 habitantes (IBGE, 2019), não foi diferente. Naqueles 15 de maio as duas principais praças da cidade (Praça Brasil e Praça de Fátima) se tornaram locais de concentração de estudantes, professores, líderes sindicais e cidadãos que queriam expressar apoio pela defesa da educação pública.

Mapa das mobilizações no Brasil

Brasil: manifestações em defesa da educação – 15 de maio de 2019



Fonte: Globo¹²

Diferentes atores e visões, oriundas de distintos locais e instituições foram direcionadas para locais de concentração gerando ações extraordinárias na cidade. Isso graças a um trabalho de construção de consensos e de alinhamento entre grupos que se articularam semanas antes. Utilizando o papel de professor e participante do Fórum de Defesa da Previdência¹³ foi possível acessar os bastidores da mobilização, e acompanhar as reuniões dos estudantes da Universidade Federal do Maranhão, do Fórum de Defesa da Previdência e verificar a repercussão em um grupo local do *WHATSAPP*.

Considerando os estudos de Goffman (2013) e Berreman (1975) quando apontam a existência de diferentes dimensões e locais de produção, e execução das fachadas - palcos, bastidores e espaços, onde são ocultados e exibidas determinadas informações - foi possível decompor a situação de inserção em diferentes camadas que apresentam diferentes possibilidades de interações de acordo com a situação estabelecida.

Assim, no dia 7 de maio de 2019 ocorreram duas reuniões simultâneas no mesmo horário: a dos estudantes na UFMA e outra no Fórum em Defesa da Previdência Social Pública (FDPSP) - ambas direcionadas para as atividades do dia 15 de maio de 2019. A impossibilidade de construção de uma reunião única naquele momento inicial pode ser relacionada a uma preocupação do movimento estudantil de buscar construir uma agenda que o caracterizasse como um movimento autônomo e com objetivos próprios. Sobre aquele dia, é possível recordar que:

Na impossibilidade de acompanhar as duas reuniões ao mesmo tempo, optei por acompanhar a reunião estudantil. Cheguei cedo ao local e observei a chegada de lideranças estudantis da UEMASUL, três discentes que representavam um coletivo feminista, alguns alunos do curso de Direito, Comunicação, Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia e alguns do Mestrado de Sociologia. Trabalhando na instituição há cinco anos, e participando dos movimentos de rua desde o ano de 2014, não houve estranhamento de minha presença no local. Dialoguei com alguns discentes, confirmei o local para os primeiros que chegaram de outras instituições e me coloquei para observar junto aos alunos do mestrado. Foi iniciada com a fala do

12 Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/cidades-brasileiras-tem-atos-contrabloqueios-na-educacao.ghtml>

13 Enquanto membro do Fórum de Defesa da Previdência Social da Associação de Professores da Universidade Federal do Maranhão (APRUMA), a perspectiva era de aglutinar os estudantes em um grande movimento de rua. Enquanto professor da instituição, o viés era de aglutinar estudantes do mestrado com a graduação. É importante considerar que desde 2015 tenho me dedicado na realização de registros fotográficos e participar dos protestos de ruas na cidade de Imperatriz-MA. Já realizei sobre os protestos pelo transporte público (15/03/2015), a Greve geral (18/04/2017), os movimentos pela educação em maio de 2019. A participação tem sido motivada não apenas pelo interesse de pesquisa, mas também pelo próprio pertencimento a APRUMA. Alguns registros podem ser observados nos blogs de militantes locais, como é o caso <http://carlosleen.blogspot.com/2017/04/avaliacao-de-movimento-grevista-em.html> que fez um balanço do referido protesto.

discente Lucas Matos que é do curso de jornalismo, membro da União da Juventude Socialista (UJS) e da União Nacional dos Estudantes, que explicou a gravidade dos cortes para a instituição. No desenvolvimento da reunião, alguns alunos do curso de medicina também ressaltaram a importância do SUS, e o discente Natal Marques, que é discente do Mestrado de Sociologia e membro do sindicato dos urbanitários, pontuou sobre a necessidade de atrelar o movimento com outros para ganhar força, e apresentou os alunos do mestrado e minha posição de coordenador (Caderno de campo, 07/05/2019).

Não houve dificuldade de inserção e produção de imagens. Contudo o campo pareceu fortemente delimitado entre discentes do mestrado, da graduação e o professor. Como a ideia do encontro era de construção de uma pauta estudantil, foi prudente ter tato (Goffman, 2013) para evitar situações embaraçosas. Havia a possibilidade de vários níveis de interação, já que os diferentes papéis geraram diferentes expectativas (os desafetos poderiam esperar uma intervenção radical para utilizar a classificação de instrumentalizador do movimento estudantil, ou talvez o coordenador do mestrado para apontar a elite da universidade; os externos que observavam de longe e os novatos poderiam esperar a atuação do militante que já aparecerá em outras ocasiões). Tal momento foi ao encontro com a ideia de “se situar”, segundo a seguinte compreensão:

Situação ou posição, nos diz o dicionário, é a “maneira pela qual uma coisa está disposta, situada ou orientada”. (...). Trata, portanto, do trabalho do etnógrafo como “ato ou efeito de situar (-se), localizar (-se)” e da localização do etnógrafo no espaço social que estuda. Tal localização é pensada em sua relação com os atores sociais que observa e em seus deslocamentos nos territórios onde tais atores se localizam e transitam. Essa será a posição do etnógrafo. A situação é, ao mesmo tempo, a circunstância na qual a condição, o ensejo e a oportunidade que o etnógrafo deve tornar favoráveis à obtenção dos dados e informações pertinentes ao seu projeto de pesquisa (SILVA, 2009, p. 172). Seguindo as orientações de Silva (2009),

Achutti (2012) e de Adams, Ellis e Jones (2015) foi importante refletir sobre as circunstâncias e condições de obtenção dos dados e da continuidade da própria pesquisa, tentar problematizar a experiência engajada em relação ao método. Tais autores rejeitam que a ideia de que é impossível se esconder atrás da “aura da objetividade” sendo, portanto, importante expor as condições de pesquisa.

Naquela noite, verificou-se a presença de lideranças estudantis (Imagem 1) como: o representante estudantil do IFMA, sentado de costas de camisa verde xadrez, ao lado uma liderança da UEMASUL de camisa preta, um estudante do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/ Sociologia estava com a palavra no momento da imagem. No segundo plano, e no terceiro plano, respectivamente os estudantes do mestrado, de medicina e direito. O debate deles culminou na produção de um panfleto e de uma programação da ação coletiva.

Imagem 1- Reunião estudantil



Fonte: Autor, 2019

Do pequeno “panfleto” digital localizado no documento da programação (Anexo 1) é importante ressaltar a linguagem que sinaliza um processo de alinhamento mais amplo em torno da educação, das universidades federais e com o uso do # utilizado na internet para conectar conteúdos nas redes instagran ou facebook. Trata-se de um movimento que está ligado ao movimento estudantil nacional, assim, não por

acaso, um dos líderes locais ser membro da UNE. Sobre esse ponto Pereira e Medeiros (2016) explicam que esse tipo de produção pode servir como ponto de junção, e que a comunicação possui grande importância: na quebra de barreiras impostas pelas distâncias geográficas, na unificação de diversas lutas e na ênfase de pontos comuns. Pelos estudos de Scherer-Warren (2006) é possível refletir que ocorreram algumas etapas que caracterizam as “redes de movimentos” já que se notou um associativismo local dos estudantes, e uma articulação inter-organizacional focada em atividades na esfera pública.

Enfatizando sempre a idéia de agregar e alinhar, verificamos, ali, uma situação que poderia ser pensada enquanto um *Discursive process* (SNOW; BENFORD, 2000), ou seja:

se referem às ações comunicativas (fala e escrita) dos membros do movimento social ou àquelas estabelecidas em relação às atividades do movimento. Com as ações coletivas, os enquadramentos interpretativos são gerados por dois tipos básicos de interação no processo discursivo: um enquadramento interpretativo de articulação e outro de amplificação ou pontuação. O primeiro envolve a conexão e o alinhamento de eventos e experiências, buscando um novo ângulo de visão; o segundo acentua e destaca algumas questões, eventos ou crenças como sendo mais importantes que outros, operando de forma a dar relevo e simbologia ao quadro maior do qual faz parte. Tais processos podem ser visualizados quando se considera que um movimento social, para organizar uma passeata ou qualquer ação coletiva, deve antes reunir os membros e participantes para buscar pessoas que possam mobilizar recursos e conhecimento sobre tais atividades (enquadramento interpretativo de articulação) e pensar em determinadas palavras de ordem, situações ou símbolos que representem a ideia do movimento social em sua totalidade (PEREIRA, 2015b, p. 29).

O documento da programação (ANEXO1)

carrega os símbolos dos brasões das instituições de origem, sinalizando um envolvimento cujo objetivo final é mobilizar contingentes de estudantes para as atividades do 15M. Nele constava a produção de cartazes e palavras de ordem, pela manhã, atividades de saúde (medição de pressão arterial e dicas de saúde) pela tarde, apresentação dos projetos de pesquisa dos discentes, rodas de conversa sobre as manifestações e a concentração na Praça de Fátima, como atividade final.

O documento expressava as qualidades profissionais e acadêmicas relacionadas à formação universitária: trabalhos na área de saúde, pesquisas premiadas, projetos de iniciação científica e outras ações. Assim, se as declarações do ministro da educação buscavam construir uma idéia de descrédito sobre as universidades e institutos federais, os estudantes se anteciparam contra possíveis ataques verbais contra a própria mobilização, reforçando o papel social da universidade pública frente ao possível contra quadro (*counter frame*) do ministro. Para David Snow e Robert Benford (2000) os contra-quadros são tipos de classificações feitas pelos opositores que geralmente exigem alguma forma de desvio e antecipação por parte dos movimentos sociais¹⁴.

Imagem 2 - Oficina de produção de cartazes e cartaz na Praça

14 Os autores exemplificam que nas lutas estudantis por democracia na china, os alunos anteciparam com precisão os contra-quadros do estado que classificaria o movimento estudantil como “contra-revolucionário”, “turbulência” e “revolta”. Para desviar esses contra-quadros, eles criaram cuidadosamente prognósticos reformistas e articulados com repertórios que se alimentavam das narrativas culturais da tradição chinesa.



Fonte: Frenteestudanilitz¹⁵, 2019 e Autor, 2019.

Tanto o processo de *enquadramento*, quanto o de alinhamento interno dos estudantes pode ser percebido na oficina de produção de cartazes e palavras de ordem, e de seus resultados práticos na constituição de um quadro de ação coletiva expressado nas ruas e praças da cidade: no âmbito da estruturação do movimento estudantil, a oficina serviu como ponto de junção e espaço de socialização entre estudantes de diferentes instituições e características, como é o caso da composição da Imagem 2 que demonstra estudantes do IFMA participando da oficina de cartazes promovida no Campus da UFMA, pela manhã; e um cartaz sendo segurado por um estudante na Praça de Fátima, pela tarde. Assim, ao ocupar as ruas e praças, a própria “classe” estudantil expressou um quadro de ação coletiva direcionado a todos os ataques verbais sofridos pelo ministro.

Por volta das 16:30 os estudantes concentraram-se em frente a UFMA com os cartazes confeccionados na oficina. Neles continham frases como: “A educação destrói mitos”, “De pessoa sem educação já basta o presidente”, “As Ciências Humanas não calam” entre outras que reforçavam a importância da educação. Eles se puseram a caminhar até a Praça de Fátima, em um curto trajeto pelas Ruas Urbano Santos e Simplício Moreira. Ao chegar à praça sentaram-se no meio do logradouro público, formando um grande círculo, cujo centro era uma espécie de palco no qual eles se posicionavam fazer declarações, proferir palavras de ordem e conclamar outros estudantes e a população em geral para defender a educação.

Se na reunião de organização havia um pequeno número composto pelas principais lideranças e simpatizantes, no dia do protesto havia um grande contingente de estudantes secundaristas, da UEMASUL, Município, universidades e outros alinhados no mesmo objetivo. Chamou atenção uma estudante secundarista que emocionada explicava que a expectativa de futuro dela era ter acesso a uma universidade pública, e que o governo não poderia tirar esse direito dos estudantes. Embora não tenhamos como identificá-la é possível afirmar que ela possuía uma idade próxima dos 14 anos e que simbolicamente tais características reforçavam o alinhamento e a representação de uma unidade estudantil. Nervosa e emocionada, ela prendeu a atenção de todos com uma “fala” chamava a população para defender os direitos dos estudantes secundaristas terem o direito de continuidade dos estudos nas universidades públicas, situadas como única oportunidade da população pobre. Com cartazes, redes sociais, transmissões ao vivo (*lives no facebook*) e uma caixa de som, o Movimento conseguiu concentrar um contingente visivelmente grande na Praça de Fátima e chamou a atenção da imprensa local.

Têm-se registros de que desde o dia 10 de maio de 2019, iniciou-se um diálogo entre alguns estudantes e o FDPSP, contudo não foi suficiente para agregar os dois movimentos ocorridos no dia 15 em apenas um grande movimento com maior expressão. Uma questão que parecia ronda o ar, de forma interdita, era uma preocupação de alguns estudantes com a autonomia do movimento, o que dificultou o processo de alinhamento. Em uma dessas reuniões entre movimentos, houve uma situação em que uma liderança sindical explicou para um estudante que a questão da previdência e das reformas trabalhistas também o afetaria no futuro deles, pois o estudante de hoje será o trabalhador de amanhã¹⁶. Na imagem 3, pode-se visualizar alguns dos principais momentos ocorridos no 15 M: a caminhada pela Rua Simplício Moreira, os estudantes em frente a estátua de

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/frenteestudanilitz/?hl=pt-br> Acesso em: 31 nov.2019.

Dom Marcelino Sergio Bicego e a concentração forte em frente a igreja Nossa Senhora de Fátima, local que possui uma centralidade sócio histórica e espacial estratégica na cidade.

IMAGEM 3 – Estudantes, cartazes e as redes de comunicação na praça



Fonte: O Autor, 2019

16 Sobre o 30 M, após observar algumas reuniões de organização ficou decidido que o FDPS forneceria dois carros de som e ônibus para trazer os alunos do IFMA para a concentração na Praça de Fátima. Já os líderes estudantis ficaram responsáveis por arregimentar mais estudantes e decidiram o trajeto da passeata- que circula o centro comercial de Imperatriz: saindo da Praça de Fátima e finalizando na Beira Rio. Nesse sentido, o FDPS funcionou como uma espécie de estrutura de mobilização, reforçando muito mais a palavra de ordem de que “A nossa luta unificou, é estudante junto com trabalhador!”. É possível visualizar a cobertura imagética do protesto por meio dos próprios canais de comunicação do FDPS (FACEBOOK) e do Movimento estudantil (INSTAGRAM). No segundo evento observamos uma maior integração entre os setores envolvidos.

Cenário II: Dos bastidores até a Praça Brasil

A manifestação de defesa da educação realizada na Praça Brasil foi gestada no âmbito do Fórum de Defesa da Previdência Social (FDPS), que é uma estrutura de mobilização (TARROW, 2009) de nível inter-organizacional (SCHERER-WARREN, 2006). Isso reforçou a participação de uma variedade de sindicatos, por exemplo: o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão (SINPROESEMMA), Sindicato dos Trabalhadores da Educação em Davinópolis (SINTEED), Sindicato dos trabalhadores em estabelecimentos de ensino de governador Edison Lobão (SINTEEGEL), Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino e no Serviço Público de Buritirana (STEESPUB) e Associação de Professores da Universidade Federal do Maranhão (APRUMA) entre outros.

Imagem 4 – Chamada do FDPS



Fonte: página do FDPS¹⁷

Embora, possuíssem diferentes modos

de organização e composição social, ambos os movimentos (estudantil e FDPS) foram marcados por concentrar atores sociais vinculados a educação: estudantes, sindicatos, associações etc. Enquanto a linguagem, as simbologias, e locais de socialização, do movimento estudantil sinalizavam um esforço de agregar estudantes de diferentes instituições e níveis, na chamada do cartaz apoiado pelo FDPS notamos a construção de um alinhamento mais amplo que buscava aglutinar outros grupos e setores. Nesse âmbito as frases do cartaz (Imagem 4) alinhavam as reivindicações pela valorização da educação com as do direito a aposentadoria, delineando quadros de injustiças (SNOW; BENFORD, 2000) caracterizados nos cortes na previdência, no orçamento das universidades e a desvalorização dos professores, discentes e das instituições de ensino.

Em cima desse diagnóstico, os militantes conclamavam transeuntes para fortalecer a necessidade de valorização da educação e previdência social. A pluralidade de organizações do cartaz, a linguagem, os alinhamentos, e a presença de diversos atores sociais sinalizam fortemente a existência de um “*masterframe*” (SNOW; BENFORD, 2000) em torno da defesa da educação pública e da previdência social frente às ações do governo federal.

Imagem 5 – O extraordinário e o cotidiano na Praça



Fonte: autor, 2019

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/F%C3%B3rum-em-Defesa-da-Previd%C3%Aancia-Social-Programa-de-P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o-em-Ci%C3%94ncias-Sociais-UFMA-293684164846781/> Acesso em: 29 dez. 2019.

Na manhã do dia 15 de maio de 2019 ocorreu, na Praça Brasil¹⁸, a convergência de duas realidades no mesmo espaço, pois o cenário cotidiano aos poucos foi sendo modificado pela aparição de pessoas de todas as direções. Chegaram faixas com frases e as siglas dos sindicatos e associações. Surgiam estudantes trazendo banners de projetos de iniciação científica e pesquisas de mestrado. Fizeram-se presentes líderes sindicais, professores e simpatizantes da causa. Havia um carro de som ornamentado com faixas e bandeiras que representavam aquele movimento mais amplo. Na imagem 5, a estrutura metálica de parada de ônibus parece delimitar duas realidades, pois de um lado existem algumas pessoas esperando o ônibus em uma perspectiva cotidiana, enquanto atrás da parada ocorria a concentração que caracterizou o extraordinário naquele dia.

Um dado importante é que ao mesmo tempo em que me dispunha como observador e fotógrafo, também fui registrado pelas lentes de algumas pessoas engajadas no ato: no momento em que estava tirando fotos em cima do carro fui capturado (Composição da Imagem 5) pelas lentes Julio Araujo Costa, que é aluno do curso de jornalismo da UFMA, próximo dos professores do curso de comunicação e trabalha em uma empresa de comunicação local. Em outros momentos, pelo professor Magno Urbano de Macedo (de camisa branca no segundo quadro da composição). Tal situação nos remete ao estudo de Silva (2009) quando explica que a cena também é alterada pela presença do etnógrafo e que “o significado da cena exige não apenas um reconhecimento do caráter subjetivo da observação, mas, sobretudo, a capacidade de ter uma noção objetiva de sua própria presença” (SILVA, 2009, p. 180).



Imagem 5 – Pesquisador capturado, e na foto da

metafotografia¹⁹

Fonte: Costa 2019 e Macedo, 2019.

A composição da Imagem 5, explicita que mesmo que objetivo declarado fosse o meu registro, a imagem nos traz um conjunto de informação maior, em diferentes planos de profundidade. O primeiro quadro da composição pode ser compreendido em três planos: I mostrando alguns dos organizadores do próprio evento, II mostrando o carro de som com símbolos que anunciavam uma greve geral programada para 14 de junho de 2019, e explicitando a Central dos trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), do Sindicato dos Servidores da Educação Municipal de Imperatriz (STEEI) e da Federação dos Trabalhadores no Ensino e no Serviço Público Nos Municípios do Estado do Maranhão (FETESPUSULMA). E no terceiro plano há o registro pretendido, com a presença do professor Sandro Ricardo ao lado, e mais uma moça que também se ocupava de fazer fotos.

Ainda na composição da imagem 5, o segundo quadro demonstra o professor Magno Urbano de Macedo (de camisa branca) fotografando a minha atitude fotográfica sobre a passeata. Já o terceiro quadro traz o resultado da fotografia do referido professor. As imagens da composição demonstram dois momentos específicos da passeata: o da concentração em torno do carro de som, e o da passeata- desenvolvida após a concentração. É importante salientar que se trata de pessoas de ambiente social bastante próximo. Na situação, o professor Magno Urbano de Macedo, com quem já dividi outros espaços de protestos e formação política, me orientou sobre locais que possibilitariam bons ângulos que demonstrassem a grandiosidade da passeata.

¹⁸ Naquele ambiente, fui interagindo com colegas de trabalho, com militantes que já observava em outras ocasiões e fui para cima do carro de som, para buscar uma imagem mais geral. É importante deixar claro que as imagens foram +

As tentativas de tirar fotos de locais distantes e altos (Quadros 1 e 2 da composição 5), para observar a concentração e a passeata, possuem um sentido próximo daquilo que Certeau (2014) explica em seu texto “caminhadas pela cidade”. Provavelmente um desejo de ver o movimento enquadrado naquela lógica do panorama. Segundo o autor a cidade tem sido observada a cidade como panorama, e um sistema racional. Trata-se de uma linguagem moderna por meio da qual, muitas imagens projetam uma idéia de corpo totalizado que se materializa em uma representação, um simulacro que não nos permite observar as práticas dos cidadãos em seus detalhes com o espaço e nas interações cotidianas. Em viés próximo Collier (1973) explica a importância da fotografia como método para detectar microculturas e características da estrutura social. Segundo ele “Observar a maneira como as pessoas se misturam e se agrupam é fundamental para se compreender a estrutura social dinâmica. Psicológica e socialmente, as fotográficas fornecem um diagrama das relações espaciais das aglomerações ” (COLLIER, 1973, p .56).

“A fuga do panorama”, o “mergulho” nas práticas, nas interações e na compreensão da microcultura significa uma aproximação máxima nas relações estabelecidas em campo, ou seja, criação de laços de confiança. Nesse contexto é que foi possível a subida no carro de som, a aproximação entre os militantes e a observação das práticas dos cidadãos. Assim, na composição da imagem 6, são expostos três quadros: das práticas e interações face a face (micro), da formação social do protesto (meso) e da idéia do panorama (totalizante), que nos possibilitam problematizar as variáveis de “tempo” e “espaço” na observação analítica do fenômeno.

Imagem 6 – As práticas, panorama e diferentes níveis de observação
Fonte: O autor, 2019.

A referida composição nos remete aos momentos de concentração na Praça Brasil e o da passeata na Av. Getulio Vargas. Do primeiro, selecionou-se o professor Alielson Botelho, do Instituto Federal do Maranhão e vestindo uma camisa da banda Pearl Jean. Erguendo um cartaz com a frase “Em defesa da educação pública! Contra o corte de 38%!”, e pautando a idéia da defesa da educação frente aos cortes e desqualificações realizadas pelo ministro. O mesmo quadro demonstra outras interações, com mais detalhes como, por exemplo, o fato de ele nos olhar enquanto segurava o cartaz, ou uma mulher no terceiro plano mexendo no celular. O detalhamento está diretamente relacionado à variável espacial, de aproximação ou distanciamento.

No quadro 2, à distância e o detalhamento dos atores foi diminuído. O foco centra-se na construção da forma coletiva da passeata, e como diferentes ações e interações resultam na construção de algo maior que os indivíduos. Trata-se de um quadro intermediário observação não tão detalhada quanto o quadro 1, mas com mais detalhamento que o quadro 3. *In loco*, observamos estudantes segurando banners, senhoras com sombrinhas coloridas se protegendo do sol, bandeiras, motocicletas populares tentando cortar a multidão, os organizadores com microfones orientando a concentração, a dispersão e a velocidade dos passos como um maestro regendo uma orquestra.



produzidas com um celular, e também uma NIKON D3200 munidas das lentes 18-55mm e 50mm.
19 Os registros foram gentilmente cedidos.

O poder de condensar e dispersar na ponta dos microfones e nas orientações dos organizadores do FDPS. Professores trabalhadores, adolescentes, idosos, senhoras, políticos, professores e trabalhadores em geral, eram todos iguais naquela situação, pois se conectaram em um só movimento. Contudo essa “unidade” foi construída no interior dos debates desenvolvidos entre as lideranças sindicais da cidade, e constantemente divulgada por meio das chamadas públicas em cartazes nas redes sociais, em carros de som que chamavam todas as classes a se integrar nas “lutas maiores” de defesa da previdência e da educação. Podemos dizer que nesse modo de ver, visualizamos melhora a estrutura dos protestos: atores que agem como pontos de junção e organização para diversas classes sociais.

No quadro 3, houve a prevalência de uma gramática moderna, na imagem, para defender uma idéia totalizadora do protesto – algo mais panorâmico. Nele, não se consegue ver a estrutura organizativa, nem os bastidores, mas apenas o resultado final, na totalidade de pessoas que preencheram as ruas. Por ser considerado o ápice imagético militante da passeata, pois provavelmente seria a imagem utilizada pelos organizadores em suas ações dentro do campo político.

As três seleções apresentam diferentes registros orientados pela variável espacial, já que ela é importante para compreender os processos de agrupamentos sociais- em função dos distanciamentos e aproximação dos indivíduos, e as diferentes formas que resultam disso (COLLIER, 1973). Seguindo um viés próximo ao de Simmel (2006) é possível inferir que embora cada professor, estudante ou militante tenha se dirigido a Praça com seus cartazes em mão, e suas motivações próprias, suas necessidades, as práticas deles são um meio de integração e sinalizam pertencimentos que, com o passar do movimento, se invisibilizam com a distância do observador mais preocupado em capturar a totalidade, ou se “mortificam” conforme o movimento cresça. Entre os autores há em comum o fato dos indivíduos se “perderem” ou “sumirem” dentro da totalidade e autonomia

das formas e conteúdos dos agrupamentos.

Trocando a visão de cima do carro de som por uma caminhada entre os militantes, notou-se um paralelo com Certeau (2014) quando discorre que embaixo (Down) é onde vivem os praticantes ordinários da cidade: caminhantes, pedestres e outros atores cujos corpos obedecem aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder acessá-lo. É nesse âmbito de observação que Collier Jr. explica que “a fotografia de ações sociais pode conduzir o pesquisador para uma rica área de pesquisa não verbal, pois permite a observação de comportamentos físicos, da postura das expressões faciais, dos gestos das mãos e dos braços” (1973, p. 56).

Numa tentativa de pensar a imagem na relação entre interações e a variável temporal, a composição da imagem 7 traz registros de diferentes momentos daquela manhã. A seqüência pode transmitir uma idéia geral da passeata, não se limitando a um momento específico. Por outro lado, Collier (1973), ao citar o estudo de Arthur Rotman, explica a importância das fotografias tiradas em determinados intervalos de tempo como método para compreender a estrutura social. Para ele, esse tipo de observação conhecida como sociométrica, possibilita observar hábitos, costumes e ações que sinalizam hierarquias e estratégias de manutenção de determinadas fachadas.

Na seqüência da composição da imagem 7 é possível fazer um exercício interessante com as variáveis de espaço e tempo, pois o agrupamento se comportou de diferentes maneiras, ora mais condensado, ora mais disperso de acordo com o delinear dos trajeto: largura das ruas, avenidas, curvas etc. Foi um movimento que aconteceu nas ruas e também que se reproduziu nas redes sociais por meio de *lives*, no jornal local e nos perfis de muitos participantes que compartilhavam registros da própria participação. Os sindicalizados, os estudantes, os simpatizantes e outros produziam registros por onde passavam, possibilitando a ressonância daquele processo social.

Imagem 7 – composição dos diferentes

momentos do percurso da passeata

Fonte: O autor, 2019.



Fonte: O autor, 2019.

Professores da UFMA carregando faixas com os dizeres “Educação não é balburdia, é direito!”, alunos do curso de engenharia de materiais com banners que foram apresentados no seminário de iniciação científica de 2018(SEMIC). Mais a frente, era possível ouvir as palavras de ordem “A nossa luta unificou, é estudante junto com trabalhador!²⁰” entoada por estudantes, professores, líderes sindicais e membros de partidos políticos. Essas práticas e micro interações observadas dentro

da passeata expressavam uma idéia que estruturava todo aquele movimento. Sinalizava um macroenquadramento que alinhava vários setores em uma narrativa que buscava: 1) desarticular e desacreditar as declarações dadas pelo ministro da educação, e 2) promover a idéia de defesa da educação pública como direito social. A passeata durou toda a manhã daquela quarta-feira (15/05/2019) e da Praça Brasil seguiu pela Avenida Getúlio Vargas até a BR010 e depois voltou pela Avenida Dorgival Pinheiro, dobrou na Coriolano Milhomens

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E-9zmY5X63M> Acesso em: 20 dez.2019.

até chegar na UFMA, por volta do 12:00.

Conclusões preliminares

Se nas interações face a face, durante a pesquisa de campo, os quadros e o processo de enquadramento poderiam definir as formas de apresentação e de garantir a continuidade da pesquisa, no âmbito da organização estudantil, a construção de quadro possui uma capacidade de mobilizar atores sociais, de definir problemas, gerar consensos e alinhar pontos comuns. Em todos os casos, as disputas são, em última instância, imagéticas. Os esforços são para a construção de imagens e reprodução das mesmas nos meios de comunicação, nas ruas e praças.

Foi possível inferir que a sendo uma fonte de informação, as imagens podem ser pensadas, e mobilizadas, em diferentes contextos cujo fluxo de informação seja uma necessidade para o desenvolvimento da atividade específica: como fonte de informação pode auxiliar na compreensão das formas de organização dos grupos e práticas sociais; como fonte informação, também, orientar interações entre o pesquisador e nativos, e também, na observação das interações dos próprios nativos. Como fonte de informação, em um nível mais coletivo, também pode ser incorporada nos processos comunicativos e expressar alinhamentos e características dos movimentos sociais. Além de ser materializadas nas fotografias, elas podem ser expressas nas atitudes mentais e facilmente dialogadas com as idéias de representação, quadro ou fachada, quando pensamos os processos de interação e as intencionalidades postas em jogo.

Para os movimentos sociais, as imagens podem conter símbolos identitários e de alinhamento com capacidade de integrar os quadros individuais em quadros coletivos. Tal simbologia pode ser observada por meio das próprias disposições dos corpos militantes nas ruas e praças que possuem um significado sócio-histórico, quanto nos vestuários, nas bandeiras e nos sons que ocuparam os espaços públicos da cidade. Sejam quais forem os recursos, houve sempre um processo organizativo cotidiano-

evidenciado nos documentos de convocação, nas reuniões e nas oficinas cujo um dos objetivos era de gerar um tipo de imagem de força e articulação do movimento, uma imagem grandiosa capaz de mobilizar a opinião pública.

Embora possa parecer uma analogia simplista associar o aporte teórico dos quadros a uma linguagem imagética, provavelmente esse já um passo importante para se pensar outras formas de hierarquização na relação entre teoria e imagem. Sempre relegada ao estatuto de fonte ilustrativa ou ancorada nas câmeras e os nos olhos de quem a vê, e de quem a produz, foram quase sempre pensadas como dados a serem trabalhados por determinadas teorias. Com aproximação cada vez maior com a teoria, observamos que mais que um suporte, a perspectiva imagética pode, também, ser a própria expressão de determinados conceitos. O viés dramático, por mais que não se declare visual, é fortemente influenciado por uma linguagem e uma metodologia que prioriza a observação direta e os processos etnográficos, caracterizando-se como um campo fértil para tais experimentos.

Referências bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.

ADAMS, Tony; ELLIS, Carolyn; JONES, Stacy. *Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2015.

BERREMAN, Gerald. Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 123-174.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, volume 1, 2014.

COLLIER Jr, John. *Antropologia Visual: a*

fotografia como método de pesquisa. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/ Ed. USP, 1973.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay the organization of experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1974. Resenha de: GAMSON, William. Seção *Review Symposium*. *Contemporary Sociology*, v. 4, n. 6, nov. 1975, p. 603-607, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988

_____. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JOHNSTON, Hank; KLANDERMANS, Bert. *The cultural Analysis of social Movements*. In: JOHNSTON, Hank; e KLANDERMANS, Bert. *Social Movements and Culture*. *University of Minnesota Press*. Minneapolis. 1995.

NUNES, João Arriscado. Erving Goffman, a análise de quadros e a sociologia da vida cotidiana. *Revista crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, jun. 1993, p. 33-49, 1993..

PEREIRA, Jesus Marmanillo. *Interações fotoetnográficas: o “eu” e o “outro” na Praça de Fátima - ITZ*. Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, n.39, p. 226-242, 2015a.

_____. *Luta por direitos: movimentos sociais de direitos humanos em São Luís durante a década de 1980*. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2015b.

_____. *Notas sobre os contemporâneos da sociologia e suas contribuições para os usos da fotografia em pesquisas urbanas*. *Estudos de sociologia*, Recife, v. 2, n. 22, p. 293-329, 2016.

PEREIRA, Jesus Marmanillo; MEDEIROS, Rogério. O papel da produção e circulação de panfletos na construção do ‘movimento por moradia’ no Maranhão. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, Recife, v. 3, n.2, p. 77-92, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas de vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

_____. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. Brasília: ABA, 2015.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, dez.2009.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de Sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SNOW, David; BENFORD, Robert. Framing processes and social movements: an overview and assessment. *Annual Review of Sociology*, v. 26, n.1, p. 611-639, ago. 2000.

SNOW, David; ROCHFORD Jr., E.; WORDEN, Steven; BENFORD, Robert. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. *American Sociological Review*, v. 51, n.4, p. 464-481, ago. 1986.

WINKIN, Yves. Erving Goffman: O que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: GASTALDO, E. (Org.). *Erving Goffman: o desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

ZALD, Mayer. Cultura, ideología y creación de marcos estratégicos. In: MCADAM, Doug; MCCARTHY, John; ZALD, Mayer. Movimientos Sociales: perspectivas comparadas. Madrid: Istmo, 1999.

ANEXO 1



15 DE MAIO: PARALIZAÇÃO NACIONAL EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA.



PROGRAMAÇÃO UFMA:

A partir das 08:00h da manhã

- 1- Início das oficinas de criação para a confecção de cartazes e palavras de ordem.

Das 08:30h às 12:00h da manhã:

- 2- Aferição da pressão arterial e dicas de saúde _ atividade desenvolvida por acadêmicos de Medicina e Enfermagem/UFMA.

A tarde, retornamos às 14:00h, com:

- 1- Apresentação dos trabalhos e projetos de pesquisa, dos acadêmicos de Direito, Ciências Humanas, Jornalismo, Medicina e Enfermagem, que serão expostos em pontos estratégicos da universidade – aberto à comunidade das 14:00 às 15:30h

- 2- Rodas de conversa com temas voltados para a pauta da manifestação (Pec. 95/2016, que limita por 20 anos os gastos públicos e o corte no orçamento das universidades) - aberto a toda à comunidade das 16:00 às 16:50h

Às 17:00h: concentração na praça de Fátima com alunos da UEMASUL, UFMA e IFMA, para sairmos em protesto pelas ruas do centro da cidade.